



Os Túlios de Plínio: do divino orador ao poeta homoerótico

Pliny's M. Tulli: from the divine orator to the homoerotic poet

Lucas Amaya

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
lucasamaya@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-1352-5503>

Resumo: Marco Túlio Cícero é uma das figuras históricas mais proeminentes de Roma, bem como é a referência maior em Retórica no cenário de língua latina. Contudo, é comum que os estudos sejam anacrônicos e a representação de Cícero, literária ou histórica, seja um reflexo da tendência de determinada escola ou de algum período histórico específico. Desta forma, nosso objetivo neste artigo é demonstrar quem era o grande orador e símbolo da República Romana para outro grande homem de Roma, Plínio, o Jovem, que viveu mais de um século após a morte de Cícero, em outro regime e em um mundo literário muito mais amplo e complexo. Não obstante, focaremos nas diferentes faces de Cícero em Plínio, analisando como tal figura já era muito mais abstrusa na Antiguidade do que se tradicionalmente é concebido.

Palavras-chave: Plínio, o Jovem; Marco Túlio Cícero; comédia; homoerotismo; coletânea epistolar.

Abstract: Marcus Tullius Cicero is one of Rome's most prominent historical figures and the leading Rhetoric reference in the Latin-speaking scene. Nevertheless, studies on Cicero are regularly anachronistic, and the representation of Cicero, literary or historical, reflects the tendency of a particular school or specific historical period. In that fashion, this article's objective is to establish who was the great orator and symbol of the Roman Republic to another great man of Rome, Pliny the Younger, who lived more than a century after Cicero's death in another regime and a world much broader and more complex literature. Nevertheless, we will focus on the different faces of Cicero in Pliny, analysing how such a figure was already much more abstruse in Antiquity than is traditionally conceived.

Keywords: Pliny, the Younger; Marcus Tullius Cicero; comedy; homoerotism; epistolary collection.

Aquele que se debruçar sobre a vida de Marco Túlio Cícero facilmente encontrará diversas linhas diferentes de análise, opiniões divergentes e leituras variadas, que dependem tanto da subjetividade da pesquisadora ou do pesquisador, quanto da geração e da sociedade na qual ela ou ele vive. Publicado recentemente, a coleção editorada pelo professor William Altman (2015) projeta bem a evolução da recepção das obras de Cícero e o entendimento sobre sua figura histórica. Várias outras obras, como a coleção editorada por Catherine Steel (2013), e os estudos de Everitt (2003), Fantham (2013 e 1999), além de várias outras pesquisas cobrem a vida do orador arpinino, ligando-a a sua produção escrita e a seus projetos políticos.

Contudo, mesmo em Altman (2015), pouco há sobre a recepção das obras de Cícero na Antiguidade – a coletânea de estudos começa com a recepção petrarquiana das obras pedagógico-filosóficas do orador e segue até os dias de hoje, ainda que não siga ordem cronológica. Por tal razão, cabe falarmos mais sobre quais obras ciceronianas eram repercutidas mais frequentemente na Antiguidade e o que elas significavam para os romanos do Império. Mais especificamente, objetivamos neste artigo compreender os diferentes Túlios Cíceros nos são apresentados por Plínio, o Jovem, em suas cartas. Além da clássica imagem de maior orador romano, podemos nos surpreender com um Cícero poeta homoerótico, um Marco Túlio como fonte histórica quase que involuntária, além da imagem social do grande homem, que traz louros àqueles que ocupam os cargos que ele ocupara – ainda que os cargos tenham mudado por completo, apesar da manutenção do nome.

Antes de tudo, para estabelecermos quem é Marco Túlio Cícero costumeiramente é apresentado, importante voltarmos às palavras de Martin e Gaillard:

Esse autor é um modelo, mas modelo de quê? Sem dúvida, da imagem que temos de Roma, tal qual nossa cultura transmite. Uma imagem idealizada, talvez, mas cuja existência e permanência são fatos concretos. E isso sanciona a contribuição excepcional de nosso autor, em vários campos, mas, ulteriormente, ao pensamento de seu tempo. Um homem eloquente, o criador da língua filosófica latina, o político desajeitado em busca de um equilíbrio

ideal entre forças contraditórias, o teórico do discurso que moraliza a eloquência, o corresponde que testemunha suas ilusões, seus erros, de suas esperanças, tudo faz parte de um perfil de Cícero que atende as necessidades de nosso tempo. (MARTIN & GAILLARD, 1990, p. 427)^{1 2}

Num primeiro momento, percebemos que a figura de Cícero é limitada nos dias de hoje, normalmente ligada à moralidade, à erudição e, principalmente, à eloquência. Se voltarmos os olhos primeiro, então, para o já esperado exemplo maior de arte retórica romana nas cartas plinianas, a primeira referência aparece na carta I.2, abrindo a coletânea:

2 Temptau enim imitari Demosthenen semper tuum, Caluum nuper meum, dumtaxat figuris orationis; nam uim tantorum uirorum, “pauci quos aequus” adsequi possunt. 3 Nec materia ipsa huic (vereor ne improbe dicam) aemulationi repugnauit; erat enim prope tota in contentione dicendi, quod me longae desidiaie indormientem excitauit, si modo is sum ego qui excitari possim. 4 Non tamen omnino Marci nostri ληκύθους fugimus, quotiens paulum itinere decedere non intempestiuus amoenitatibus admonebamur; acres enim esse, non tristes uolebamus.

Tentei imitar teu sempre preferido Demostenes, e o meu mais recente preferido Calvo, pelo menos nas figuras

¹ “Cet auteur est un modèle: mais de quoi est-il le modèle? Sans doute, de l’image que nous avons de Rome, telle que notre culture nous l’a historiquement transmise. Une image bien idéalisée, peut-être, mais dont l’existence et la permanence sont en soi des faits. Et ces faits sanctionnent la contribution exceptionnelle de notre auteur, en de multiples domaines, à la pensée de son temps. L’homme éloquent, le créateur de la langue philosophique latine, le politicien maladroit dans sa quête d’un équilibre idéal entre tant de forces contradictoires, le théoricien du discours qui moralise l’éloquence, le correspondant témoignant de ses illusions, de ses erreurs, de ses espoirs, tout ces profils de Cicéron épousent les besoins de son siècle.”

² Todas as traduções, tanto clássicas quanto vernáculas, são de nossa responsabilidade. De mesma sorte, as traduções objetivam apenas a manutenção das informações, não das formas exatas da língua latina, ou seja, são traduções livres com o objetivo de servirem a um leitor ignorante das estruturas da língua latina.

retóricas, pois “poucos, os quais [Júpiter amou],³” podem buscar a força de magníficos homens. Nem a temática destoou desta emulação (acredito que falo com correção). Estava de fato quase toda num tom agressivo de fala, o que me despertou da inatividade quando estava quase a dormir, se é que eu sou alguém que pode ser despertado. Porém, não fugimos do *lécito*⁴ de nosso Marco [Túlio Cícero], éramos levados a sair um pouco deste percurso com amenidades tempestivas – queríamos ser vivazes, não tristes. (I.2.2-4)

Nesta carta, Plínio apresenta um livro ao amigo Arriano Maturo. Tudo indica que se trata de algum discurso, porém facilmente se entende a referência ao próprio livro de cartas, uma vez que Demóstenes e Cícero também eram conhecidos por suas obras epistolares. A declaração é óbvia, o estilo preferido e mais utilizado por Plínio é o do grande orador ateniense Demóstenes, e um dos grandes oradores do tempo de Cícero, Calvo, autoridade da escola ática⁵ em Roma. De certa forma, os principais discursos de Demóstenes, dentre os quais o Sobre a Coroa é citado diretamente nas cartas plinianas, e apresenta um estilo calmo, frio e, em alguns momentos, até monótono devido a regularidade e simplicidade sintática, e em relação a monotonia do discurso, Calvo parece estar próximo do grande orador grego.

Cícero era conhecido por ter um estilo mais aberto e eclético, a depender da situação, ocasionalmente contrário à escola ática em Roma, mas admirador de Demóstenes⁶. Quando Plínio alega, metaforicamente, usar as ferramentas de Cícero, assim o faz para defender um estilo eclético, mais elevado e que busca quebrar a monotonia esperada de um discurso qualquer⁷.

³ En. VI.129

⁴ Lécito é um tipo de vaso grego para armazenar unguento.

⁵ A escola ática de retórica pregava um discurso seco, austero e direto.

⁶ Sobre a discussão de modelos gregos e a preferência ciceroniana por Demóstenes, cf. *Orator* 6-29.

⁷ O recente trabalho de Remer (2017), principalmente os três primeiros capítulos, apresenta um estudo detalhado sobre o estilo ciceroniano, principalmente os elementos ecléticos e as estratégias plurais nos discursos ciceronianos.

Plínio, adotado ainda jovem pelo tio materno, Plínio o Velho, e primeiro de sua família a fazer trajetória no Senado, era uma das principais referências em oratória de seu tempo, como percebemos pelos versos do poema X.20, do poeta Marcial⁸: “*Nec doctum satis et parum seuerum, / sed non rostellum tamen libellum / facundo mea Plinio Thalia / i perfer (...)*” (Vá e entrega, minha Tália, ao eloquente Plínio meu livrinho, que nem é douto em demasia e pouco severo, mesmo não sendo rústico). Sua trajetória política e jurídica é objeto de grandes discussões⁹, mas se assemelha a de Cícero, por também ser um *homo nouus*. Salvo por sua coleção epistolar e um discurso laudatório a Trajano, nenhum discurso de Plínio, mesmo o seu tão querido *De Helvidii Vltione*, discurso ao qual se refere em diversas cartas. De tal sorte, não podemos analisar qual seria a predileção e as estratégias plinianas em discursos forenses¹⁰, que provavelmente também lhe trouxeram fama.

Faz-se mister que o nome utilizado não é Cícero, mas Marco, ou “nosso Marco”, numa referência dialética de “nós”, os romanos, “eles”, os gregos. A utilização do primeiro nome demonstra grande intimidade e proximidade, provavelmente por conta da forte influência de Cícero não na obra de Plínio, que não se faz presente na coletânea epistolar como veremos, mas na cultura escrita da sociedade romana. Ademais, a leitura frequente de cartas, discursos, obras pedagógicas e filosóficas do grande orador de Arpino aproximam Marco, morto cerca de 150 anos antes desta carta, da sociedade imperial romana. A utilização do termo em grego pode estar ligada ao estilo epistolar ciceroniano, que com frequência escrevia cartas parcialmente ou quase completamente em grego – pois dizia palavras e citações em grego serem parte do *sermo urbanus*¹¹. Desta

⁸ Epigramista que escrevera entre 60 e 100 EC. Produziu mais de 15 livros de epigramas e poemas laudatórios.

⁹ Em relação a tal debate, a mudança de pensamento de Syme (1958 e 1991), bem como as obras mais recentes sobre a vida de Plínio, como Gibson (2022) e Gibson e Morello (2015), além da fundamental pesquisa de Sherwin-White (1968), são as principais referências.

¹⁰ Sobre o estilo de Plínio em suas cartas e em seu panegírico, cf. Gamberini (1983) e Picone (1977), além das mais recentes análises de Whitton (2013) e Gibson e Whitton (2016).

¹¹ O estudo mais aprofundado e abrangente das cartas ciceronianas ainda é o de Peter White (2010), que discorre literária, política e historicamente sobre a coletânea epistolográfica de Cícero.

forma, a referências às cartas de Cícero ficam mais em evidência, bem como sua ligação com o mundo helênico.

De mesma sorte, na carta I.5 temos novamente essa figura do mestre da retórica e exemplo maior em oratória:

Frequens mihi disputatio est cum quodam docto homine et perito, cui nihil aeque in causis agendis ut brevitatis placet. 2 Quam ego custodiendam esse confiteor, si causa permittat: alioqui praevaricatio est transire dicenda, praevaricatio etiam cursim et breviter attingere quae sint inculcanda infigenda repetenda. 3 Nam plerisque longiore tractatu vis quaedam et pondus accedit, utque corpori ferrum, sic oratio animo non ictu magis quam mira imprimitur. 4 Hic ille mecum auctoritatibus agit ac mihi ex Graecis orationes Lysiae ostentat, ex nostris Gracchorum Catonisque, quorum sane plurimae sunt circumcisae et breves: ego Lysiae Demosthenen Aeschinen Hyperiden multosque praeterea, Gracchis et Catoni Pollionem Caesarem Caelium, in primis M. Tullium oppono, cuius oratio optima fertur esse quae maxima. (I.5.1-4)

[...]

Haec ille multaque alia, quae a me in eandem sententiam solent dici, ut est in disputando incomprehensibilis et lubricus, ita eludit ut contendat hos ipsos, quorum orationibus nitar, pauciora dixisse quam ediderint. 7 Ego contra puto. Testes sunt multae multorum orationes et Ciceronis pro Murena pro Vareno, in quibus brevis et nuda quasi subscriptio quorundam criminum solis titulis indicatur. Ex his apparet illum permulta dixisse, cum ederet omisisse. (I.20.6-7)

Tenho uma discussão frequente com um homem qualquer, estudado e experiente, a quem nada agrada mais na condução de uma causa que a brevidade, a qual, acredito, deva ser resguardada, se a causa permitir; caso contrário, é prevaricação extrapolar o que deve ser dito. Também é prevaricação atingir com rapidez e brevidade o deveria ser inculcado, repetido e fixado. Pois, com muita frequência, recaem alguma força e peso num tratado mais extenso, e,

como o ferro no corpo, assim o discurso penetra na alma mais pela insistência do que pela pancada aguda.

Aí ele lança contra mim autoridades e ostenta os discursos de Lísias, entre os gregos, entre os nossos conterrâneos os discursos dos Gracos e dos Catões, dos quais a maioria é breve e circunscritos ao tema principal. Eu rebato Lísias com Demóstenes, Ésquines, Hipériden e muitos outros, e retruco os Graco e os Catões com Polião, César, Célio e, dentre os maiores, Marco Túlio, cujo melhor discurso é dito ser o maior, [o *Pro Cluentio*].

[...]

Estes argumentos, e muitos outros, os quais costumo expressar para comprovar um mesmo ponto de vista, por ser liso e escorregadio num debate, o homem esquiva-se e contrapõe estes mesmos, cujos discursos eram meus apoios no debate, tendo dito que eles seriam menores do que as versões corrigidas e posteriormente publicadas. Eu me posiciono contrariamente: as provas são os muitos discursos, de muitos oradores, como o *Pro Murena* e o *Pro Vareno* de Cícero, nos quais um registro breve, como se desnudo de revisão, é indicado apenas por enumeração e designação de alguns crimes. Por isso, ele teria preparado muito mais para expor oralmente do que teria omitido na revisão para publicação.

Nesta carta ao historiador, também reconhecido como grande orador, Cornélio Tácito, Plínio cria um interlocutor, um homem muito douto e contrário às opiniões sobre retórica do próprio autor da carta¹². A preferência do epistológrafo, como se depreende através de várias cartas, a começar pela I.2, é o estilo de Demostenes, inclusive cabendo uma carta cheia¹³ de citações do grande orador ateniense, algo que não se repete em relação a nenhum exemplo latino. Importante, no entanto, observarmos que Cícero é colocado como o maior entre os romanos, ainda que abaixo dos gregos. E os discursos tomados como exemplo, *Pro*

¹² Em verdade, as preferências atribuídas ao homem sem nome coincidem com as opiniões atribuídas a Tácito em outras cartas – cf. cartas VII.20 e IX.20, entre outras.

¹³ *Carta* IX.26, uma defesa sobre a grandiloquência.

Cluentio, *Pro Murena* e *Pro Vareno* são todos de Cícero, sendo ignorados todos os outros autores.

À esteira disso, é determinante observarmos que, ao tempo de Plínio, o discurso mais bem avaliado do orador de Arpino seria o *Pro Cluentio*, enquanto atualmente *In Verrem*, *In Catilinam*, *Pro Marcello* e *Philippicae* serem mais frequentemente citados como exemplos a serem estudados na Academia, bem como serem os trabalhos mais observados em artigos, traduções e comentários diversos¹⁴. Por outro lado, no manual de Conte (1999), os discursos debatidos, além do *In Catilinam* e *In Verrem*, temos o *Pro Caelio*, *Pro Milone* e o citado por Plínio, *Pro Murena*; já no manual de Martin e Gaillard (1990), além das citadas por Gian Biagio Conte, temos *Pro Sesto Roscio Amerino*; já no Brasil, o importantíssimo manual da professora Zélia Almeida Cardoso (2011), além dos citados pelos professores anteriores, ainda coloca o *Pro Archia*. Logo, a percepção de Plínio não se equipara ao que é mais comumente apresentado e estudado na Academia, sendo o *Pro Cluentio* não tão estudado, nem nomeado como o melhor. Dos citados na carta, apenas o *Pro Murena* ocasionalmente é facilmente achado em manuais e pesquisas modernas.

Deste trecho podemos extrair um pouco mais: Cícero não apenas é a referência máxima entre os oradores latinos, mas também é um exemplo prático: a revisão de discursos antes de sua publicação deveria ser esperada, pois o discurso proferido não deveria ser idêntico ao publicado, uma vez que este segundo deveria omitir as falhas do primeiro e, caso necessário, a inserção do que faltara. Também o ecletismo ciceroniano derivado da experiência e do domínio pleno da arte de falar, compreendendo a necessidade para cada discurso e para cada situação na qual o discurso se encontra, deve ser levado em consideração.

Sobre essa questão da revisão e da adaptação, a carta VII.17, a Célere, ilumina possíveis dúvidas de um estudante moderno:

¹⁴ Citamos tais nomes com base em pesquisas rápidas nos sítios eletrônicos scholar.google.com e jstor.org e nas últimas dissertações e teses defendidas no Brasil sobre discursos de Cícero, através do site catalogodeteses.capes.gov.br, todas entre os dias 10/10/2021 e 18/10/2021. Contudo, sabemos que tal julgamento é subjetivo, dependente dos algoritmos dos sítios, em constante mudança.

Itaque Pomponius Secundus — hic scriptor tragoediarum -, si quid forte familiarior amicus tollendum, ipse retinendum arbitretur, dicere solebat: ‘Ad populum provoco’, atque ita ex populi vel silentio vel assensu aut suam aut amici sententiam sequebatur. 12 Tantum ille populo dabat; recte an secus, nihil ad me. Ego enim non populum advocare sed certos electosque soleo, quos intuear quibus credam, quos denique et tamquam singulos observem et tamquam non singulos timeam. 13 Nam, quod M. Cicero de stilo, ego de metu sentio: timor est, timor emendator asperimus. (VII.17.11-13)

E assim, Pompônio Segundo (este, escritor de tragédias) costumava dizer, se um amigo muito próximo julgasse dever ser retirada uma passagem que ele próprio gostaria de manter, “recurso ao povo!”: e assim seguia-se ou sua opinião, ou a do amigo, conforme o silêncio ou aceno do povo. Tanto valor ele dava ao povo, e se correto ou equivocado, não me importa. Eu não costumo buscar a voz do povo, mas de alguns seletos amigos, para quem eu tenho olhos e ouvidos abertos. Em resumo, eu observo as opiniões deles um por um, e os temo quando pensam a mesma coisa todos juntos. Pois, o que Cícero sente sobre a pena¹⁵, eu sinto sobre a insegurança: se há insegurança, ela afia a revisão.

A referência a Cícero aqui precisa ser entendida sob a luz do *De Oratore* I.150, passo no qual lemos:

Stilus optimus et praestantissimus dicendi effector ac magister; neque iniuria; nam si subitam et fortuitam orationem commentatio et cogitatio facile vincit, hanc

¹⁵ Traduzimos *stilus* por “pena”, tendo em mente o sentido poético e artístico de “pena” na literatura brasileira como instrumento símbolo do processo laboral de composição e símbolo de estilo pessoal. Ainda assim, sabemos que se apaga parcialmente a ideia do processo de composição romana, baseado na reescrita constante de rascunhos que não se encontra igual no processo moderno de composição. De tal sorte, demos preferência ao caráter composicional e de trabalho árduo de escrita, ainda que sem a imagem de escrita e apagamento dos sulcos na cera.

ipsam profecto adsidua ac diligens scriptura superabit.
(De Orat. I.150)

A pena é o melhor e mais bem preparado criador e professor da arte de falar bem, não o rigor excessivo, pois, se a recomendação e a reflexão vencem facilmente um discurso súbito e fortuito, elas mesmas serão superadas por uma versão escrita diligente e entregue ao progresso.

Compreendemos, então, que a pena, o *stilus*, é uma metáfora para o processo de correção e reescrita de algo já proferido oralmente, logo, é o labor individual do autor. Neste sentido, Plínio se coloca contrário a Cícero, pois entende que mais do que o trabalho individual, a crítica de doutos e escolhidos amigos são mais úteis do que a experiência e o aprendizado por tentativa e erro. Cabe apontar que, porém, Cícero na carta VII.17 não é um indivíduo necessariamente, mas metáfora de escola de oradores, que por muito mantinha a prática de revisão e reescrita como padrão para evolução retórica. De mesma sorte, essa escola é representada por uma das principais obras sobre a prática do orador romano, *De Oratore*, de Cícero. Assim, na referida carta, Marco Túlio é, senão, um símbolo da educação romana e referência aos estudantes de Oratória do começo do Império Romano.

Ainda no campo da Oratória, temos na carta IX.26 uma referência a um dos principais ensinamentos ciceronianos, que é o papel da poesia na oratória, quando Plínio diz:

At enim alia condicio oratorum, alia poetarum. Quasi vero M. Tullius minus audeat! Quamquam hunc omitto; neque enim ambigi puto. (IX.26.8)

Mas, de fato, uma coisa é o papel dos oradores, outro é dos poetas. Marco Túlio seria menos ousado? De qualquer forma, eu discordo dele, pois considero essa questão resolvida.

Nesta longa carta, na qual Plínio cita largamente Homero e, principalmente, Demóstenes, quando discorrendo sobre controle dos ânimos durante um discurso e o uso de figuras poéticas para gerar

comoção, o epistológrafo traz a figura de Marco Túlio à tona novamente. Desta vez, Cícero aparece junto a uma posição contraditória, o discurso retórico de um lado, a poesia doutro, ao passo que o emissor da carta tenta estabelecer o que pode ser utilizado por ambos os lados. O grande orador republicano muito estabeleceu em sua prática retórica a partir da poesia e, principalmente, do teatro, de forma que Plínio o cita como exemplo indireto de retórica poética, se assim poderíamos chamar o estilo rebuscado e de grande erudição de seu autor. O mérito aqui é Cícero como exemplo de grandiloquência, próximo à escola asianista de retórica.

À esteira disso, uma pequena inferência ao Marco Túlio político também é facilmente destacada nas cartas plinianas, como percebemos na carta IV.8:

Te quidem, ut scribis, ob hoc maxime delectat auguratus meus, quod M. Tullius augur fuit. (IV.8.4)

Agrada-te muitíssimo meu augurato, como escreves, já que o próprio Marco Túlio foi áugure também.

Tanto Cícero quanto Plínio eram equestres de nascença e atingiram o status senatorial e ocuparam todos os grandes cargos do *cursus honorum*. Logo, a subida de um é equiparada a escalada social do outro, além do fato do prestígio de um cargo ser aumentado ou diminuído por aqueles que o ocuparam ao longo do tempo. Além de grande orador e escritor de obras base para a educação retórica romana, Cícero também ecoava seu valor através dos cargos que ocupou para aqueles que viriam a ocupá-los no futuro. Isso nos leva a informação de que era comum o estudo das carreiras políticas de homens importantes e que o valor dos cargos também poderia sofrer variações conforme avaliações subjetivas de quem ocupava ou desenvolvera uma determinada atividade. No caso, sentar-se na mesma cadeira de Marco Túlio era uma glória de difícil equiparação, como se percebe pelo advérbio de superioridade, “*maxime*”, ou seja, nada pode agradar mais.

Não obstante a isso, Cícero aparece como um grande conhecedor de poesia e detentor da prática dos poetas, como é retratado por Plínio, como percebemos na carta III.15:

1 Petis ut libellos tuos in secessu legam examinem, an editione sint digni; adhibes preces, allegas exemplum: rogas enim, ut aliquid subsicivi temporis studiis meis subtraham, impertiam tuis, adicis M. Tullium mira benignitate poetarum ingenia fovisse.(III.15.1)

Pedes para que eu leia teus livros durante o recesso e examine se são dignos de publicação. Apresentas tuas preces e nelas envias um exemplo: rogas para que qualquer tempo que eu não gaste em meus estudos, que eu aplique em teus livros, e adicionas que Marco Túlio acalentava com grande bondade os talentos admiráveis dos poetas.

Neste caso, Plínio recebe livros do poeta Sílio Próculo¹⁶, e diz que o próprio poeta o compara a Cícero e por isso cabe ao epistológrafo a crítica e correção dos poemas. Plínio era conhecido pelos discursos e por seu gosto de estilos grandes e pomposos quando discursando, bem como com frequência fala de sua produção e capacidade poética – ainda que apenas dois poemas seus estejam nas cartas. Então, tal qual Cícero era reconhecido por seu conhecimento poético, assim Plínio indiretamente alega ser.

Na Academia, hoje, Marco Túlio raramente é lembrado como poeta, aparecendo mais como crítico do círculo de Catulo, que chama pejorativamente de *neoterói* ou *poetae noui*¹⁷, uma vez que ele próprio seria um forte defensor da estrutura da poesia latina dos séculos anteriores. E em relação a figura do Cícero patrono, a obra de Stroup (2010) é referência para quem deseja entender o patronato poético-literário ao fim da República romana. Contudo, o grande orador era reconhecido e se gaba em suas cartas de receber com frequência diversas obras para revisão, de pessoas ligadas diretamente a ele ou não, como no relato de Jerônimo, que alega Cícero ser o grande editor do poema de Lucrécio *De Rerum Natura*¹⁸.

¹⁶ Possível autor de sátiras a que Juvenal se refere em seu primeiro poema, cf. Sherwin-White (1968, p. 248).

¹⁷ Cf. Conte (1999, p. 136).

¹⁸ Cf. Gillespie, Hardie (2010, pgs. 6-7), Gale (2007, pg.1). Na carta 2.10 a seu irmão, Quinto Cícero, há também uma descrição da obra.

Essa prática era comum nos tempos de Cícero e se manteve até os tempos de Plínio, certamente continuando posteriormente. Cabe, no entanto, não confundirmos esse tipo de patronato com o patronato de Messala e Mecenas, pois nos tempos de Cícero não necessariamente envolvia dinheiro, mas sim o escalonamento de hierarquia social e literária (cf. Stroup, 2010, p. 7-12). Não sabemos precisamente quem é o interlocutor de Plínio na referida carta, mas tudo indica que era alguém inferior dentro do extrato social romano, bem como mais jovem e com menos prestígio social. De mesma sorte, Cícero possivelmente revisava e comentava obras de jovens poetas depois de atingir o auge do reconhecimento social, político e literário.

É bem verdade que a carreira poética de Cícero não é ignota, apesar de não ter sobrevivido ao tempo – salvo raros versos, como os famosos *o fortunatam natam me consule Romam*¹⁹ e *arma cedant togae, cedant laurea laudi*²⁰, e alguma doxografia de seus poemas *De Consulatu Suo* e *Aratea*²¹. Atualmente, o que se entende da poesia ciceroniana é de pequena relevância e qualidade²², se comparadas com sua importância na retórica, provavelmente com foco em si mesmo, ao menos a poesia da fase adulta, já que provavelmente na juventude teria escrito um poema épico, *Marius*, e alguns poemas curtos, dos quais praticamente nada chegou. Logo, o conhecimento poético de Cícero é atestado indiretamente pelas correções e revisões feitas por ele, não por uma demonstração propriamente sua a que tenhamos acesso total.

Contudo, o orador republicano foi exemplo para o epistológrafo não só na retórica, mas também na poesia, o que nos dá algum indicativo do que era a obra poética ciceroniana, como vemos na carta VII.3:

3. Expertus sum me aliquando et heroo, hendecasyllabis nunc primum, quorum hic natalis, haec causa est. Legebantur in

¹⁹ Ó afortunada Roma, nascida em meu consulado!

²⁰ As armas cedem à toga, cedem à glória com louros.

²¹ Para a doxografia e outros excertos e fragmentos de poesia, não só de Cícero, o trabalho de Courtney (2003) ainda é referência.

²² O capítulo de Emma Gee (IN Steel, 2013, pgs. 88-106) são bem elucidativos sobre o tema, principalmente para a recepção e crítica da poesia ciceroniana durante seu tempo na geração seguinte, como no caso de Virgílio.

Laurentino mihi libri Asini Galli de comparatione patris et Ciceronis. Incidit epigramma Ciceronis in Tironem suum. 4 Dein, cum meridie (erat enim aestas) dormiturus me recepissem nec obreperet somnus, coepi reputare maximos oratores hoc studii genus et in oblectationibus habuisse et in laude posuisse. 5 Intendi animum contraque opinionem meam post longam desuetudinem perquam exiguo temporis momento id ipsum quod me ad scribendum sollicitauerat his versibus exaravi:

6 Cum libros Galli legerem, quibus ille parenti ausus de Cicerone dare est palmamque decusque, lascivum inveni lusum Ciceronis et illo spectandum ingenio, quo seria condidit et quo humanis salibus multo varioque lepore magnorum ostendit mentes gaudere uirorum. Nam queritur quod fraude mala frustratus amantem paucula cenato sibi debita sauia Tiro tempore nocturno subtraxerit. 5 His ego lectis “cur post haec, inquam, nostros celamus amores nullumque in medium timidi damus atque fatemur Tironisque dolos, Tironis nosse fugaces blanditias et furta nouas addentia flammas?”

Experimentei-me algumas vezes nos versos heroicos, agora pela primeira vez nos hendecassílabos, dos quais esta é a origem, este é o motivo: eu lia em Laurentino um livro de Asino Galo sobre a comparação entre seu pai e Cícero. Seguindo a leitura apareceu um epigrama de Cícero sobre seu assistente Tirão. Depois, por volta de meio dia (era verão), eu tinha me recolhido para dormir e sem ter conseguido dormir, comecei a refletir sobre os principais oradores que tiveram este tipo de estudo literário entre os prazeres e apontavam mérito nisso. Apesar de minha descrença e de um longo período sem praticar, voltei meu espírito àquilo que me incentivara a escrever, e num curtíssimo período compus estes versos:

Enquanto me punha a ler obras de Galo, nas quais ele ousou dar ao pai o louvor e a vitória sobre Cícero, reproduzi a lasciva brincadeira de Cícero, algo que se deveria esperar daquele talento, onde ele não mostra coisas sérias, onde ele expôs as mentes dos grandes homens regozijar-se com temperos humanos e uma grande e variada graça. Pois

reclama que Tirão, amante que era, enganou-o, com uma maldosa armadilha: tendo ele jantado, os poucos beijos que Tirão devia a ele, o próprio amado os negou pela madrugada adentro. Lidos estes versos, eu disse ‘por que, depois disso, ainda escondemos nossos amores e, tímidos, em lugar nenhum contribuimos e confessamos conhecer as manhas de Tirão, as carícias fugazes de Tirão e ardis que trazem novas chammas. (VII.3)

O que, então, lemos nesta carta é um Cícero distinto da mais frequente figura que lhe atribuem os comentadores mais modernos: um Cícero homoerótico, que canta seus amigos com seu escravo mais próximo, Tirão. Este, famoso por ter ajudado na publicação da coleção epistolar de seu então facelido mestre, aparece então como amante que desempenha seu papel na guerra do sexo, ora negando, ora cedendo, ora rejeitando, ora avançando. É improvável que esse livro de epigramas ciceronianos fosse de sua juventude, pois não é crível que Tirão o acompanhasse então – apesar de não sabermos a partir de quando ele se tornara secretário do grande defensor da República. Sabemos que era consideravelmente mais novo, pois vivera muitos anos após a morte de Cícero, que falecera com 63 anos, o que favorece a interpretação de uma relação de poder baseada na posição de cada um e na idade de ambos.

A imagem do severo cônsul, defensor da moral e dos costumes (*O Tempora, O Mores*), crítico da lascívia e dos excessos e que, por tais motivos, costuma ser também exemplo para a imagem dura e utópica do bom cristão moderno, dificilmente repercute uma sociedade não dividida sexualmente em polos opostos, homossexual e heterossexual. Um Marco Túlio apaixonado por outro homem, que busca os prazeres da cama junto a um homem mais novo e de posição social bem inferior, é improvável de ser encontrado nos manuais, nas coletâneas e nos artigos publicados nos últimos séculos. Contudo, Plínio deixa claro que este mesmo Marco Túlio poderia ser consumido por volta de 150 anos depois da morte de Cícero.

Em outra carta, a V.3, temos essa mesma figura,

2 Quibus ego, ut augeam meam culpam, ita respondeo: facio non numquam versiculos severos parum, facio; nam et comoedias audio et specto mimos et lyricos lego et

Sotadicos intellego; aliquando praeterea rideo iocor ludo, utque omnia innoxiae remissionis genera breviter amplectar, homo sum. 3 Nec vero moleste fero hanc esse de moribus meis existimationem, ut qui nesciunt talia doctissimos gravissimos sanctissimos homines scriptitasse, me scribere mirentur. (...) 5 An ego verear — neminem viventium, nequam in speciem adulationis incidam, nominabo -, sed ego verear ne me non satis deceat, quod decuit M. Tullium, C. Calvum, Asinium Pollionem, M. Messalam, Q. Hortensium, M. Brutum, L. Sullam, Q. Catulum, Q. Scaevolam, Servium Sulpicium, Varronem, Torquatum, immo Torquatos, C. Memmium, Lentulum Gaetulicum, Annaeum Senecam et proxime Verginium Rufum et, si non sufficiunt exempla privata, Divum Iulium, Divum Augustum, Divum Nervam, Tiberium Caesarem? (V.3.4-5)

Aos quais eu, ainda que aumente minha culpa, assim respondo: por vezes faço versinhos pouco severos, sim, faço. Pois gosto de ouvir comédias, de assistir Mimos, de ler poesia lírica, de apreciar os sotadeus. Por vezes rio, brinco, divirto-me (abraço rapidamente todo gênero de um relaxamento inofensivo), por isso, sou homem. E em verdade não levo a mal quem pensa isso sobre meus costumes, porque eles desconhecem os homens mais doutos, mais graves, mais elevados terem escrito tais gêneros, o que os leva a se enrubescerem quando eu as escrevo. (...) Acaso eu temeria, em verdade, eu temeria que não conviesse minimamente a mim o que conveio a estes autores que nomearei (dos quais nenhum vive, para que eu não recaia em algum tipo de adulação): Marco Túlio, Caio Calvo, Asínio Polião, Marco Messala, Quinto Hortênsio, Marco Bruto, Lúcio Sula, Quinto Catulo, Quinto Cévola, Sérvio Sulpício, Varrão, Torquato (em verdade, Torquatos), Caio Mêmio, Lêntulo Getúlico, Anaeu Sêneca, e mais recentemente Vergínio Rufo, e se não bastar os exemplos de cidadãos privados, dentre os grandes líderes públicos, Divo Júlio, Divo Augusto, Divo Neva, Tibério César?

Vemos, portanto, que essa crítica a um comportamento não rígido, limitado e conservador, já era recorrente na passagem do século I ao século II EC, uma vez que Plínio expõe críticas feitas a ele por gostar de intervenções artísticas, como os Mimos e a apresentação de leitores de gêneros não sublimes, como a Comédia²³ – se pensarmos ainda na divisão proposta por Aristóteles. O que nos interessa aqui é Marco Túlio ser o primeiro da lista, ainda que não o mais antigo, de grandes homens que apreciavam gêneros não tão nobres, que normalmente tinham algum caráter sexual, vulgar (no sentido de ser comum a cultura popular, do *uolgius*, da massa) e que poderia ser passível de críticas. Logo, afastando a figura do Cícero crítico de Catulo por sua lascívia e por seus poemas pouco pudicos²⁴, temos um Marco Túlio homem, que não afasta nada humano de si.

Nestas duas últimas cartas temos, então, a apresentação de um homem completamente diferente do que normalmente é representado: um homem com desejos homoeróticos, apreciador de artes amenas e relaxantes, sem fins filosóficos ou sociais diretos, compositor de poemas agudos apaixonantes. Vale ressaltar que o apagamento dessa figura não está atrelado totalmente a censura do Medievo ou da Contrarreforma, mas já era atestável na geração de Plínio. A escolha de memórias, de obras e de referências passa por um projeto político-social das ordens superiores em Roma (tal qual atualmente), de forma que já na Antiguidade, conforme podemos perceber, as críticas ao consumo de determinadas artes e a produção de uma certa literatura eram regulares e, aparentemente, aqueles que costumavam se abrir a este lado da sociedade, não conseguiam omitir

²³ Não se deve confundir aqui o papel do teatro, muito bem descrito por Fantham (2013, p. 83-86), na construção do orador romano, conforme descrito por Cícero tanto no *De Oratore*, quanto no *Brutus*. O consumo social da Comédia e outros gêneros durante o ócio não corresponde ao estudo retórico da aplicabilidade de recursos poéticos às necessidades retóricas em ocasiões específicas. Plínio trata aqui do consumo derivado do ócio e do prazer individual.

²⁴ O que remete a uma outra discussão: Cícero seria contrário não a temática, mas a forma e seu resultado, portanto. Para isso, cf. Stroup (2010), principalmente o capítulo 4.

este fato das gerações vindouras, ainda que a médio e a longo prazo isso pudesse ser apagado da história²⁵.

Por último, talvez alguém apontasse antes deste artigo que a figura ciceroriana mais presente na coletânea epistolar de Plínio seria aquela do Cícero amigo de Ático, que se comunica com seu irmão Quinto, com amigos próximos e parentes, que escreve modelos a seu Tirão. De fato, assim não o é e mesmo a influência literária epistolar é rejeitada, como vemos na carta IX.2:

Praeterea nec materia plura scribendi dabatur. 2 Neque enim eadem nostra condicio quae M. Tulli, ad cuius exemplum nos uocas. Illi enim et copiosissimum ingenium et par ingenio qua uarietas rerum, qua magnitudo largissime suppetebat; 3 nos quam angustis terminis claudamur etiam tacente me perspicis, nisi forte uolumus scholasticas tibi atque, ut ita dicam, umbraticas litteras mittere.

Além disso, não me era oferecida muita matéria para escrever. E minha condição não é a mesma que aquela de Marco Túlio, a cujo exemplo tu nos remetes. Ele tinha um talento muito rico e estava à disposição desse talento uma tão grande variedade de assuntos e uma abundância muito extensa. Que estamos cercados por limites estreitos, até mesmo por meu silêncio, percebes, salvo se quisermos enviar a ti cartas filosóficas ou até mesmo, como assim chamarei, a serem compostas nas sombras de uma escola. (IX.2.1-3)

Plínio, então, rejeita o modelo epistolar de Cícero – e de Sêneca, em verdade. E com essa informação podemos deduzir outra imagem do orador: um Cícero histórico, que conta a realidade de seu tempo, que constrói uma Roma sua através de suas cartas. É fato notório e conhecido que as cartas de Cícero faziam sucesso, apesar de não sabermos exatamente qual grupo epistolar circulava no tempo de Plínio, e não seria surpresa alguém apontar seu exemplo para alguma nova empresa de mesmo gênero, como é percebido acontecer nessa

²⁵ Sobre isso, o capítulo de Amy Richlin (IN Dominik, 2004) sobre o falocentrismo na educação romana e o apagamento das figuras afeminadas ou não masculinizantes é fundamental.

carta. Plínio, todavia, rejeita não só o modelo literário, rejeita a figura como um todo, não porque não sejam iguais, mas porque não vivem a mesma realidade. Desta maneira, Cícero não é só ele, mas toda a luta travada ao final da República.

Assim, quem era Marco Túlio também envolvia quando e de que lado ele viveu. Para a geração que viveu os regimes de Domiciano, Nerva e Trajano, o caos político, guerras civis, e a luta desenfreada por poder dentro da cidade de Roma era um mundo distante e, de certa forma, fictício²⁶, uma vez que era produto de uma visão tendenciosa e de pessoas ligadas diretamente aos conflitos que narram. A paz política e o alinhamento com o Imperador Trajano afastam Plínio da figura de Cícero, por isso, ambos não podem produzir o mesmo tipo de carta.

Ao final, o que temos na coletânea epistolar pliniana são quatro Marcos Túlios Cíceros: o grande orador, exemplo do ecletismo, que legou seu conhecimento de retórica à posteridade; o estadista e exemplo de como ascender socio-politicamente em Roma; a figura que lutou guerras civis e fruto das maiores disputas do fim da República; e, por último, a imagem que propomos como distoante, um Cícero apreciador de Comédia e Mimos, um Marco Túlio relaxado, aproveitando as carícias sexuais de seus escravos, escrevendo poesia homoerótica.

A recepção das obras ciceronianas passa principalmente por quem a sociedade, e a posição do receptor dentro dessa sociedade, que a recebe compreende ser seu autor. Quando Plínio rejeita o modelo epistolar ciceroniano não é por conta da qualidade ou da relevância, mas porque ele entende que o Cícero que conhece pelas cartas não poder ser revivido ou reinterpretado, pois a realidade deste é outra e destoa com o projeto político pliniano (embora ao final do medievo um modelo que se acreditava ciceroniano, chamado de *tullianus* e baseado na obra *Rhetorica Ad Herennium*, tenha vigorado). Ainda que seja mais interessante manter uma imagem utópica e desumanizada de um exemplo existente única e exclusivamente por ter testemunhado transformações

²⁶ Entendemos aqui fictício no sentido de *fictio*, uma narrativa próxima a realidade, mas tendenciosa e retoricamente construída. Faz-se mister lembrar que os conceitos de verdade e, por conseguinte, de mentira atuais em lugar algum encontram amparo ou eco no mundo Antigo.

sociais em Roma, além da distante figura divina da retórica, mesmo mais de um século após sua morte, existia a imagem do Marco Túlio homem, cidadão romano e que pertencia a uma sociedade com costumes e vida muito diferente do que nos acostumamos nos últimos dois séculos de sociedade burguesa cristã no Ocidente.

Cabe retornarmos rapidamente então à primeira obra citada para trazer as palavras de Altman (2015) ao justificar o importante e ainda atual livro:

Longe de aceitar, então, que há tantos Cíceros quanto há séculos, ou ainda, leitores, Zielinski ofereceu a desafiadora assertiva de que cada geração, ainda que inconscientemente, a uma extensão considerável releva a si própria conforme como responde a Cícero, e é essa assertiva que inspira esta coletânea. A descoberta que qualquer julgamento sobre Cícero, independente da intenção em julgar, é, na verdade, um autojulgamento disfarçado é a maior conquista de Zielinski.²⁷(Altman, 2015, p. 4)

Isso depende, é claro, de uma percepção unificada de quem seria Cícero e o que ele efetivamente teria produzido pessoal e socialmente. Contudo, como observamos nas cartas de Plínio, Cícero pode ser outro, ou outros, bem diferentes do que estamos acostumados a ler e a estudar nos manuais e autores modernos. Por isso, é fundamental que revivamos e estudemos também o Cícero que aprecia poesia homoerótica, que canta seus amores por escravos, que consome tipos de artes consideradas não elevadas, como os Mimos. É de suma importância o homem descrito por Plínio, que, quando necessário, é sério, profundo e agudo, mas, quando possível, entrega-se aos braços de Tirão, participa de intervenções artísticas de dançarinos travestidos e escreve poesia de gêneros tidos como secundários e evitáveis. Isso humaniza o orador e traz para perto

²⁷ “Far from assuming, then, that there are as many “Ciceros” as there are centuries or even readers, Zielinski offered the challenging claim that each age, however unconsciously, to no small extent reveals itself by how it responds to Cicero, and it is this claim that inspires the present collection as well. The discovery that any given evaluation of Cicero, whatever the evaluator’s critical intention may be, is really a self-evaluation in disguise, is Zielinski’s greatest achievement”.

de alguém, ainda que de outra realidade – uma vez que temos outra percepção geoespacial por conta do avanço tecnológico e da globalização socioeconômica –, criando a imagem e o exemplo humano e humanístico, não uma surreal figura apartada de elementos naturais do ser humano, como prazeres sexuais e diversão.

Referências

- ALTMAN, W. H.F. *Brill's Companion to the Reception of Cicero*. Brill's Companion of Classical Reception, v. 2. Boston: Brill, 2015.
- CARDOSO, Z. de A. *A Literatura Latina*. 3. ed. rev. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- CICERO. *De Oratore I-II*. Ed. and trans. by E.W. Sutton, Introduction by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1948. LCL 348.
- CICERO. *Letters to Quintus and Brutus; Letter Fragments; Letter to Octavian; Invectives; Handbook of Electioneering*. Ed. and trans. by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002. LCL 462.
- CONTE, G. B. *Latin Literature: A history*. Trans. Joseph B. Solodow. Baltimore: John Hopkins University Press, 1999.
- COURTNEY, E. *The Fragmentary Latin Poets*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- EVERITT, A. *The Life and Time of Rome's Greatest Politician*. New York: Randon House Trade Paperbacks, 2003.
- FANTHAM, E. *Roman Literary Culture: from Cicero to Apuleius*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1999.
- FANTHAM. *The Roman World of Cicero's De oratore*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- GALE, M. R. (ed.). *Oxford Readings on Classical Studies: Lucretius*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- GAMBERINI, F. *Stylistic Theory and Practice in The Younger Pliny*. Hildesheim: Olms & Weidmann, 1983.
- GIBSON, R. *Man of the High Empire: The Life of Pliny the Younger*. Oxford: Oxford University Press, 2022.

GIBSON, R.; MORELLO, R. *Reading the Letters of Pliny the Younger*. Cambridge: Cambridge University Press; 2015.

GIBSON, R.; WHITTON, C. (ed). *The EPISTLES of Pliny*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

GILLESPIE, S.; HARDIE, P. (ed). *The Cambridge Companion to Lucretius*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

MARTIN, R. ; GAILLARD, J. *Les Genres littéraires à Rome*. Paris: Éditions Nathan, 1990.

PICONE, G. *L'eloquenza di Plinio*. Palermo: Palumbo Editore, 1977.

PLÍNIO, O JOVEM. *Lettres*. Tome I, II, III. Texte établi par Hubert Zehnacker. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

REMER, G. A. *Ethics and the Orator: The Ciceronian Tradition of Political Morality*. Chicago: Chicago University Press, 2017.

STEEL, C. (ed.). *The Cambridge Companion to Cicero*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

STROUP, S. C. *Catullus, Cicero, and a Society of Patrons: The Generation of the Text*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

SHERWIN-WHITE, A.N. *The letters of Pliny*. Reprinted. Oxford: Claridon Press, 1968.

SYME, R.. *Roman Papers*. v. VII. Ed. By Anthony Birley. Oxford: Claredon Press, 1991.

SYME, R. *Tacitus*. Oxford: Claredon Press, 1958.

WHITE, P.. *Cicero in letters: epistolary relations of the late Republic*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

WHITTON, C. (ed.). *Pliny The younger Epistles, book II*. Cambridge Greek and Latin Classics. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.